

Excelentíssimo Senhor Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, Des. Sérgio Resende, na pessoa de quem cumprimento os ilustres integrantes da Corte Superior, assim como todos os demais Magistrados e autoridades presentes: Membros do Executivo, do Legislativo, do Ministério Público, Defensores Públicos e Advogados.

Cumprimento, também, os Funcionários da Justiça, Familiares e Amigos, que muito nos honram com sua presença.

Senhoras e Senhores,

Caros colegas,

É com muita honra e satisfação que me torno porta-voz de meus ilustres colegas, para dizer algumas palavras, as quais, contudo, não são capazes de expressar os nossos sentimentos nesta data. Data na qual nos tornamos Juizes de Direito de nossa amada terra, o Estado de Minas Gerais. Data na qual passamos a integrar os quadros de um dos Tribunais mais respeitáveis do país, o Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais.

Hoje, quando tantas vitórias e conquistas são alcançadas, quando tanta alegria e entusiasmo nos arrebatam a alma, quando tantos ideais se concretizam e quando todo o caminho de um sonho de vida se abre diante de nós, não podemos deixar de voltar os olhos para o início de nossa trajetória.

A judicatura nos chamou a cada um, com uma força ingente e irresistível, própria do que é divino e inexplicável. Estava a envolver nossos sonhos e a nos perturbar nos trabalhos que exercitávamos anteriormente. Não éramos completos, não tínhamos plenitude, porque ansiávamos por termos em nossas mãos – ainda que frágeis e imperfeitas – o poder de pacificar a sociedade, de conciliar interesses opostos, de contribuir para a cura das mazelas que acometem a humanidade.

Curvamo-nos, então, à força deste chamado e de suas conseqüências. A nossa dedicação à concretização deste ideal custou-nos tanto! Abdicamos de horas ao lado de nossos familiares e amores, afastamo-nos dos amigos e do lazer, distanciamo-nos de muitas de

nossas atividades rotineiras, para, com afinco, devorar livros e códigos e imergir no mundo das decisões e dos acórdãos. Lutamos arduamente o bom combate, enfrentando dúvidas que nos eram, não raro, implantadas; superando obstáculos que surgiam pelo caminho; e, sobretudo, lidando com derrotas pretéritas e com dificuldades pessoais, ínsitas a cada um de nós.

Juntos, percorremos a última etapa de nossa caminhada. Unidos pelo mesmo ideal, pelo mesmo sonho, pelo mesmo amor à justiça. Em razão dos vínculos de amizade que logo surgiram entre nós, as dificuldades foram mitigadas, os temores foram desvanecidos e a certeza da vitória cada vez mais se delineava. Aprendemos muito uns com os outros e tivemos ótimos e inesquecíveis momentos de aprendizado, de amizade e de crescimento conjunto. As nossas diferenças não nos separaram, antes, nos uniram e tornaram cada um de nós indispensável aos olhos dos demais. Cada qual com o seu jeito de ser, com o seu humor, com a sua mania. E em quatro meses, tornamo-nos quase irmãos. Rimos juntos, desesperamo-nos e consolamo-nos mutuamente, cientes de que a vitória não seria plena, se não estivéssemos todos a desfrutar da colheita.

E, ao final, foram onze os escolhidos para a arte de fazer justiça. Fomos nós.

Sentimo-nos vitoriosos e realizados, porque, hoje, uma parcela de um poder divino nos é entregue.

Desejamos compartilhar esta vitória com aqueles que, inequivocamente, fazem parte dela. Agradecemos aos nossos familiares, amigos, cônjuges, namorados e namoradas, que nos apoiaram em nossa busca incessante por este momento; que entenderam nossas ausências prolongadas em razão dos estudos e que foram o nosso porto seguro nas derrotas e nos obstáculos que surgiram pelo caminho. Não fosse pelo apoio, pelo incentivo e pela compreensão de cada um deles, certamente que não estaríamos aqui a celebrar esta conquista.

Agradecemos também a todos que contribuíram com o nosso aprendizado na Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes, aos coordenadores, aos professores, aos examinadores, aos palestrantes, aos servidores e a todos aqueles que nos auxiliaram na

nossa formação, dando um pouco de si, compartilhando suas experiências e esforçando-se para nos tornar melhores.

Olhamos, agora, para o futuro, não sem certa apreensão e temor. Sentimo-nos como pequeninas gotas de orvalho, incapazes de formar a tempestade que delas é esperada. Mas, ao menos, estamos certos acerca da tempestade que desejamos causar em nossos mundos. Desejamos ser capazes de fazer florescer o consenso, onde reina e perdura a discórdia. Desejamos ser capazes de unir com amor o que foi desatado pelo ódio. Desejamos ser capazes de devolver com retidão o que foi retirado com injustiça. Desejamos ser capazes de recompor a paz nas almas onde a angústia faz seu ninho. Desejamos, sobretudo, ser capazes de compreender com o coração as dores, as agruras e o sofrimento do ser humano e de julgar, sempre, à luz desta compreensão.

Exercer a judicatura é humanizar a justiça e, a um só tempo, justificar a humanidade. E não é possível exercer tal magna função, sem antes nos despirmos de nossos preconceitos, de nossas tendências, de nossas vaidades. O Juiz é justo com os jurisdicionados quando é justo consigo mesmo, quando é justo com seus valores, quando é justo com as suas limitações e com sua consciência. O Juiz é respeitado por seus jurisdicionados quando se faz respeitar por sua própria postura, por sua firmeza, por sua coragem, por seu labor intenso e por sua serenidade. O Juiz é amado por seus jurisdicionados quando não se vangloria de sua posição – sabendo-a temporária – e quando cumpre os seus misteres com devoção, como se estivesse a desincumbir-se de um débito para com a divindade.

Rogamos a Deus – a Ele que nos escolheu para o exercício desta tão nobre missão – que nos capacite e que faça refletir em cada um de nós a sua JUSTIÇA, de forma que possamos julgar com equidade e receber, como conseqüência natural e necessário, o respeito e o amor daqueles que estiverem sob nossa jurisdição.

Eis todo o sucesso que pretendemos obter.

Eis a nossa incomensurável recompensa.

Muito obrigada!